

# Epistemologia do sensível na cultura contemporânea: estruturas de sentimento na compreensão da interface jornalismo/entretenimento



Ana Luiza Coiro Moraes

Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)  
Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero  
E-mail: [alcmoraes@casperlibero.edu.br](mailto:alcmoraes@casperlibero.edu.br)

**Resumo:** O artigo busca uma aproximação da hipótese cultural “estruturas de sentimento”, formulada por Williams, com o “método da compreensão” (Künsch) e o que Muniz Sodré chama de “estratégias do sensível”. Para tanto, examina dois momentos de expansão tecnológica que afetam o jornalismo (a Revolução Industrial e a contemporânea revolução microeletrônica) e conclui que estruturas de sentimento que apelam ao entretenimento estão igualmente presentes em ambos os períodos.

**Palavras-chave:** Comunicação, a compreensão como método, estratégias do sensível, cultura, jornalismo, entretenimento.

*Epistemología de lo sensible en la cultura contemporánea: estructuras de sentimiento en la comprensión de la interfaz periodismo/entretenimiento*

**Resumen:** El artículo busca un acercamiento de la hipótesis cultural “estructuras de sentimiento”, formulada por Williams, al “método de la comprensión” (Künsch) e lo que Muniz Sodré llama de “estrategias de lo sensible”. Para tanto, examina dos momentos de expansión tecnológica que afectan al periodismo (la Revolución Industrial y la contemporánea revolución microelectrónica) y concluye que estructuras de sentimiento que apelan al ocio están igualmente presentes en ambos períodos.

**Palabras clave:** Comunicación, la comprensión como método, estrategias de lo sensible, cultura, periodismo, ocio.

*Epistemology of the sensitive in contemporary culture: structures of feeling in the comprehension of the journalism/entertainment interface*

**Abstract:** This paper aims to articulate the cultural hypothesis of “structures of feeling”, proposed by Williams, together with the “method of comprehension” (Künsch) and what Muniz Sodré has named “strategies of the sensitive”. In order to articulate such concepts, this article analyzes two periods of technological expansion that had great impact on journalism (the Industrial Revolution and the contemporary microelectronics revolution) and then reaches the conclusion that structures of feeling with an entertainment appeal are equally present in both periods.

**Keywords:** Communication, comprehension as a method, strategies of the sensitive, culture, journalism, entertainment.

Em seu projeto para a construção de uma sociologia da imprensa, de 1910, Weber já assinalava profundas mudanças na maneira como o homem moderno passara a captar e interpretar o mundo exterior, a partir dos “deslocamentos poderosos nos costumes de leitura” introduzidos pelo jornalismo (Weber, 1994, p. 258).

A acrescentar-se à percepção weberiana o que o progresso tecnicista vem possibilitando à comunicação (das notícias no jornal *online* aos conteúdos das redes sociais digitais), chega-se à contemporânea sociedade midiaticizada. Formulando de outra maneira, é possível falar de uma tendência a midiaticizar a visibilidade social e a experiência do contato humano, quando “as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais” (Sodré, 2010, p. 27-28).


De fato, do café da manhã acompanhado pelo jornal, como mencionou Weber (1994), às notícias sobre o tempo e o trânsito, ouvidas no rádio do automóvel, às pesquisas na

internet que subsidiam o trabalho diário e ao telejornal da noite, apresentam-se maneiras de “ler o mundo” que foram selecionadas pela mídia. E tal seleção se dá sob critérios que qualificam os acontecimentos com notoriedade, proximidade, relevância, novidade, notabilidade, e, ao mesmo tempo, supõem que eles sejam insólitos, singulares, de maneira a informar, mas também divertir o receptor.

Tal singularidade talvez responda por um dos deslocamentos criados “no âmbito da fé e das esperanças coletivas” do homem moderno, como inquiriu Weber (1994, p. 258). Isso porque, se o que se torna notícia é justamente o imprevisível, o inusitado, algo que representa ruptura com os rituais do coti-

*Atos criativos compõem (...)* uma comunidade visível em sua estrutura de sentimento e demonstrável (...)

*em suas escolhas formais decisivas*



diano (ou, na falta disto, a glamourização do próprio cotidiano), significa dizer que a sensação de viver (*Lebensgefühl*, diria Weber) dos sujeitos deste tempo forjado na mídia – do jornal, nos primórdios da comunicação de massas, limiar da modernidade, à pós-moderna internet – se dá sob a regência do performático, do espetacular.

Neste sentido, este artigo examina dois momentos de expansionismo tecnológico nas empresas jornalísticas – a fase de mecanização oriunda da Revolução Industrial e o que Rüdiger (2004, p. 63) chama de terceiro estágio do projeto tecnológico, a “revolução microeletrônica e a revolução tecnológico-industrial a ela combinada” –, para neles apontar o deslocamento de noções e práticas do entretenimento para o campo jornalístico.

A questão especulativa ou filosófica da comunicação encontra-se hoje confrontada a modos históricos excepcionais, a mediações tecnológicas de tal magnitude, que se torna imperativo o seu exame concreto pela pesquisa positiva, para a abordagem compreensiva do fenômeno (Sodré, 2010, p. 22).

Todavia, apelar a uma abordagem compreensiva leva, novamente, a Max Weber (1994), quando, em contraponto aos métodos explicativos, cuja exatidão de resultados é característica das ciências naturais, ele sugeria às ciências sociais métodos compreensivos, capazes de agregar as subjetividades como fundantes e constitutivas da vida social. Assim, para a breve reflexão que o espaço permite, este artigo aciona o método da compreensão, que “convoca para a conversa e o diálogo de conhecimentos, saberes, disciplinas e teorias entre si e no seio de cada campo de conhecimento” (Künsch, 2014, p. 116).

E, em razão dessa interdisciplinaridade da compreensão como método, a ele articula-se a investigação de Sodré (2006, p. 17) “sobre a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental”, para perscrutar na ideia de “estrutura de sentimento”, formulada por Raymond Williams (1979, 2003, 2011 e 2013), as aproximações possíveis com a abordagem da compreensão proposta por Künsch (2009 e 2014).

#### **Paradigma investigativo do sensível, da compreensão**

Williams desenvolveu a ideia de estrutura de sentimento para indicar características comuns a grupos de escritores que compartilham conjunturas históricas, por estar certo de que “atos criativos compõem, dentro de um período histórico, uma comunidade específica: uma comunidade visível em sua estrutura de sentimento e demonstrável, acima de tudo, em suas escolhas formais decisivas” (Williams, 2011 [1980], p. 35). Entretanto, ainda que

tenha sido na literatura que desenvolveu boa parte de suas análises, é dele a observação: “À literatura devemos acrescentar as artes visuais e a música e, em nossa sociedade, as artes abrangentes do cinema, do rádio e da televisão” (Williams, 2011 [1980], p. 62).

A inclusão dos meios de comunicação no espectro analítico de Williams, de um lado, demonstra a especificidade empírica e histórica da ideia de estrutura de sentimento: “A estrutura é sempre a do sentimento real, ligado à particularidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nos indivíduos e nos grupos” (Filmer, 2003, p. 303). De outro lado, contudo, tal inserção leva à reflexão sobre a pertinência de aproximar o alcance conceitual de estrutura de sentimento à sociologia compreensiva de Weber (1994), que busca nas motivações individuais, ou seja, valores, objetivos, relações afetivas e costumes, a compreensão da ação social. É neste sentido que Williams se distancia do materialismo histórico de Marx, que dá origem ao seu materialismo cultural, e se aproxima da sociologia compreensiva de Weber. Isso porque

o materialismo cultural de Williams reivindica a ação humana sobrepondo-se à ideologia e a forças determinantes. A centralidade é na cultura, pensada como força produtiva a partir do foco no que é efetivamente vivido pelos sujeitos, estes sim, a partir de suas ações, gerando as determinações no interior das condições e especificidades de classe (Coiro-Moraes, 2012, p. 12).

Para Cevasco (2001, p. 152), o que levou Williams à urdidura da ideia de estrutura de sentimento foi justamente a tentativa de fugir à “armadilha” contida no conceito de ideologia, isto é, “a aplicação mecânica de elementos externos aos produtos de significação; uma repetição, no nível da análise, do hábito de predefinir as características da base e buscá-las na superestrutura”. Por isso, em seu esforço para descrever as estruturas do que é vivido pelos sujeitos, isto é, sua experiência, que é social, material e histórica,

Williams aponta, em *Political and letters*, o locus de atuação de estrutura de sentimento:

Colocando de outra forma, o lugar peculiar de uma estrutura de sentimentos é a equivalência sem fim que deve ocorrer no processo da formação da consciência, entre o articulado e o vivido. “Vivido”, se vocês quiserem, é apenas uma outra palavra para experiência: mas temos que encontrar uma palavra para esse plano (Williams, 2013 [1979], p. 164).

Em *The long revolution*, Williams (2003 [1961], p. 57) explica que escolheu a expressão estrutura de sentimento para operacionalizar suas análises da cultura porque “es tan sólida y definida como lo sugiere el término ‘estructura’, pero actúa en las partes más delicadas y menos tangibles de nuestra actividad”. Como já se comentou em outro momento,

a conotação que Williams conferiu à palavra estrutura, qualificando-a com sentimento, agregou subjetividade ao termo tradicionalmente reconhecido como um conceito duro nas análises de cunho marxista, cuja finalidade seria aproximar as teorias sociais da objetivamente científica, para tanto fugindo de qualquer traço emocional e, mais do que isso, desqualificando-os (Coiro-Moraes, 2012, p. 105-106).

Na mesma direção aponta Higgins (1999), afirmando que a ideia de estrutura de sentimento foi concebida como um desafio direto à explicação marxista de reprodução cultural. Segundo o autor, quando Williams substitui por estrutura de sentimento os termos utilizados por Marx,<sup>1</sup> está justamente se contrapondo ao paradigma base e superestrutura. Em *Preface to film*, ele destaca o que diz Williams:

<sup>1</sup> Higgins está se referindo à frase de Marx, citada por Williams em *Cultura e materialismo*: “O modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos da vida social, política e espiritual (Marx apud Williams, 2011 [1952], p. 291).

Em princípio, parece claro que as convenções dramáticas de um determinado período são fundamentalmente relacionadas com a *estrutura de sentimento* nesse período. Eu uso a expressão estrutura de sentimento, pois ela me parece mais precisa, neste contexto, do que *ideias* ou *vida em geral*. Todos os produtos de uma comunidade em um determinado período estão, como hoje usualmente acreditamos, essencialmente relacionados, embora, na prática, em detalhes, isso nem sempre será fácil de ver (Williams, 1954, p. 21. Grifos do autor).<sup>2</sup>

Hall (2003, p. 142-143) salienta a “deliberada condensação de elementos aparentemente incompatíveis” de Williams, incorporando sentimento a estrutura, para ultrapassar quaisquer abstrações analíticas que impliquem a “distinção entre instâncias e elementos” e considerar o “processo cultural em seu conjunto”. E nessa síntese é possível vislumbrar a relação da ideia de estrutura de sentimento com um ponto de vista compreensivo, que segundo Künsch (2009, p. 65) pode e deve “se fazer e refazer no diálogo com o diferente e, inclusive, na disposição a se compreender a própria incompreensão [...]”.

Williams (1979, p. 134) afirma ainda que “as estruturas de sentimento podem ser definidas como experiências sociais em solução, distintas de outras formações semânticas sociais que foram precipitadas e existem de forma mais evidente e imediata”. Por isso, para Beatriz Sarlo (1997, p. 91), se trata de “um *compositum* em que os tons, as nuances, os desejos e as restrições são tão importantes quanto as ideias ou convenções estabelecidas”. Metodologicamente isso se traduz na afirmação de Williams (1979, p. 134) de que “uma ‘estrutura de sentimento’ é uma hipótese cultural, derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, uma geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidência”.

<sup>2</sup> Esta e todas as outras traduções do inglês para o português são nossas.

Segundo Bonnie Brennen (2003), essa hipótese cultural é prevista por Williams “não apenas como um constructo teórico, mas também como um método específico de análise”. Isso porque, conforme a leitura da autora a *The long revolution*, “estrutura de sentimento articula os significados e valores específicos encontrados nas relações e elementos materiais da cultura, e esclarece o processo de desenvolvimento histórico através do qual específicas estruturas sociais emergem e mudam” (Brennen, 2003, p. 118).

Neste sentido, identifica-se mais um argumento na defesa da possibilidade de articular a hipótese cultural estrutura de sentimento ao método compreensivo, pois aquela, como este, “prefere a noção ao conceito – sem negar o conceito em sua real fertilidade teórico-explicativa. Opta por uma razão aberta e fértil que vai de encontro ao racionalismo. Elege a multiperspectividade ou multiangulação no tratamento das questões” (Künsch, 2009, p. 65).

Muniz Sodré (2006, 2010) sugere a compreensão da comunicação em sentido ampliado, de interação, de comunhão. Preterindo um modelo comunicacional baseado na representação, que “concebe o ato comunicativo como um processo constituído por dois sujeitos separados (A e B) que, num determinado instante, decidem voluntariamente relacionar-se” (Sodré, 2010, p. 24), o autor refuta a dicotomia “lógica versus sensível”, e aposta na comunicação como percepção do outro nas suas singularidades. Para tanto, indica Sodré (2006), as ferramentas são o afeto, a sensibilidade.

Dotada de tais ferramentas, a noção de estrutura de sentimento é aliada para a construção de investigações que levem em conta mudanças conjunturais nas formações econômicas; nas relações sociais, que passam por questões de etnia, raça, gênero e sexualidades; nas práticas culturais que se movimentam entre diferentes momentos da (pós)modernidade e do (neo)colonialismo e, sobretudo nas novas formas de

comunicação, que vêm promovendo transformações tanto nos modos de interação humana, na expressão (e exibição) de afetos e emoções quanto na participação política e ideológica dos sujeitos.

### Dois momentos da história do jornalismo

Pensar a comunicação contemporânea implica a reflexão sobre processos de mediação marcados, historicamente, por dois momentos-chave de expansão tecnológica: 1) a Revolução Industrial, que na segunda metade do século XIX aparelhou as empresas jornalísticas com máquinas que impulsionaram a produção em massa; e 2) a Revolução microeletrônica, que engendra a era da tecnoinformação.

O que se põe socialmente em pauta para discussão pelas teorias da comunicação é

a transformação acelerada das sociedades industriais e o papel aí desempenhado pelos meios de comunicação ditos “de massa” ou simplesmente “mídia”. Em termos mais simples, trata-se de problematizar as novas formas de discursividade engendradas pelas tecnologias avançadas da informação (Sodré, 2010, p. 22).

A empresa jornalística, como hoje a reconhecemos, configurou-se já a partir da década de 1830, na conjugação de uma série de circunstâncias, de ordem tecnológica, social, econômica, bem como através de políticas de educação. Do ponto de vista tecnológico, a indústria editorial, já dotada de recursos técnicos de impressão e de fabricação de papel, contava também com máquinas como a rotativa de Hoe, com dez andares de alimentação e capacidade para 20 mil cópias por hora (Figura 1).

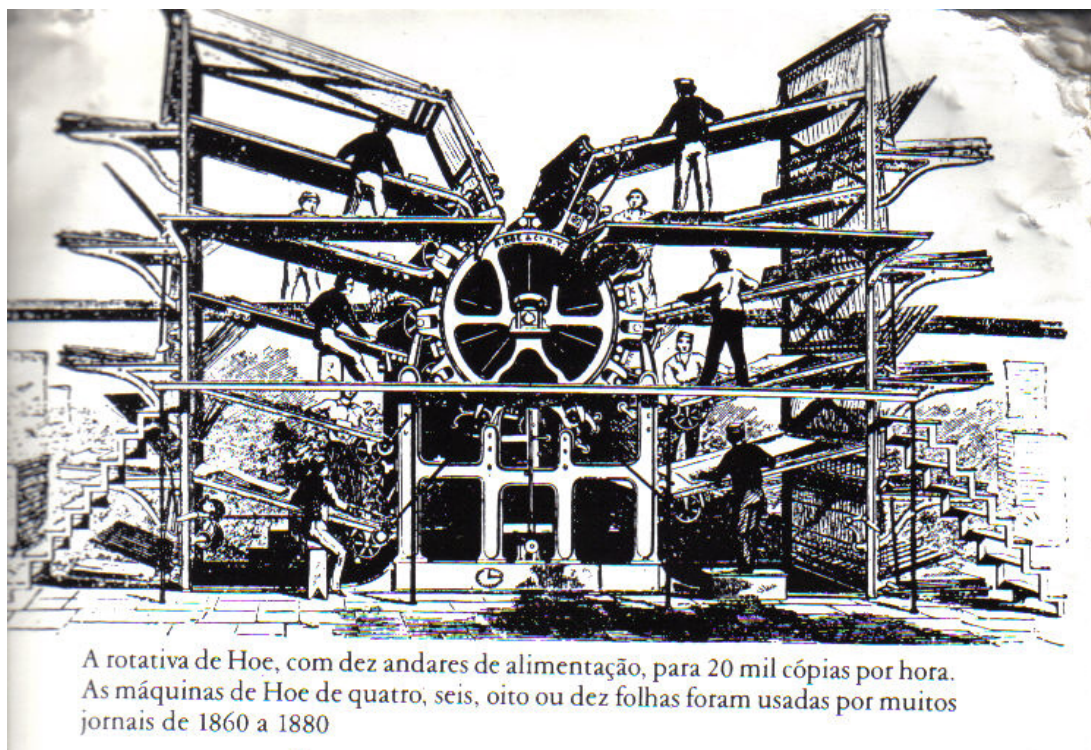


Figura 1 – A rotativa de Hoe. Fonte: Giovannini (1987).

Financiados a partir de então por verbas de publicidade, os jornais organizavam-se economicamente para atender à demanda de um crescente mercado de leitores (operários, tecelãs, balconistas) que se formava nas cidades, também em decorrência da alfabetização em massa promovida no oitocentos europeu, registrada por Rest (1967).

Trazendo para o universo analítico de Williams (2003), é possível reconhecer, nesse período, a expressão de valores e significados sociais que se estabelecem a partir de modos de produção profundamente alterados pelos avanços tecnológicos e pelos modos de organização econômica e social que daí decorreram, afetando os hábitos de leitura dos sujeitos dessa época.

*Trata-se de dois agentes que em muito contribuíram para o sucesso empresarial dos jornais da época: o romance em folhetim e o fait divers*

A maior revolução da história do jornalismo dá-se nessa fase. A transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de auto-sustentação com pesados pagamentos periódicos, irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender e se autofinanciar. [...] A imprensa burguesa, particularmente a partir de 1830, começara a definir-se como imprensa de negócios para o comércio de anúncios (Marcondes Filho, 1989, p. 61).

Com foco nos jornais ingleses da década de 1840, Williams (2003, p. 62) salienta que, se “é comum pensar no *The Times* como o diário característico da época, e basear em suas práticas as nossas ideias sobre o jornalismo vitoriano”, por outro lado,

[...] os mais lidos nesta década eram os jornais dominicais *Dispatch*, *Chronicle*, *Lloyd's Weekly* e *News of the World*. Estas publicações faziam uma seleção das notícias que hoje podemos reconhecer como característica dos “jornais de domingo”: *Bell's Penny Dispatch* (1842) leva o subtítulo de *Sporting and Police Gazette*, and *Newspaper of Romance*, e uma de suas manchetes típicas é a seguinte: “conspiração ousada e tentativa de estupro”, ilustrada com uma grande gravura e apoiado por um relato detalhado. A circulação total dos periódicos deste tipo, ao final da década, era aproximadamente de 275 mil exemplares, em comparação com os 70 mil dos diários. Se queremos examinar a cultura real do período devemos partir deste fato, e não da situação isolada do *The Times*, devida a sua importância constante em uma tradição de alta política.

Para Williams (2003), a visada desses documentos leva à história social do período, que inclui o desenvolvimento de novos tipos de periódicos que combinavam a ficção sensacionalista com receitas, sugestões domésticas e conselhos aos leitores. Trata-se de dois agentes que em muito contribuíram para o sucesso empresarial dos jornais da época: o romance em folhetim, em forma de longas narrativas publicadas em episódios semanais, no rodapé dos jornais, vendidos a preços baixos e com grande tiragem; e o *fait divers*, que surge em 1866 no suplemento dominical do *Le Petit Journal*, que representava um tipo de imprensa “sem pretensões políticas ou literárias”, de venda avulsa a um *sou* (um tostão), conta Meyer (1996, p. 97).

Ele soube aliar uma novidade, o folhetim, cujo consumo fora amplamente confirmado pelo sucesso da fórmula do jornal-romance, o qual aliás acabou suplantado pelo novo jornalismo de massa, a uma tradicional modalidade de informação popular, reinterpretando-a e rebatizando-a. Trata-se da *nouvelle*, ou *canard*, ou *chronique*, a que deu novo nome: o *fait divers*, ou seja, uma notícia extraordinária, transmitida

em forma romanceada, num registro melodramático, que vai fazer concorrência ao folhetim e muitas vezes suplantá-lo nas tiragens (Meyer, 1996, p. 98).

Assim, analisar esses gêneros jornalísticos voltados ao entretenimento dá conta de uma complexidade social que, no campo das instituições culturais (como a imprensa), leva à conclusão de que esse período “introduziu transformações cruciais na exploração comercial da cultura”, conclui Williams (2003, p. 65). E, no âmbito do que é descrito e interpretado pela hipótese cultural estrutura de sentimento, ele acredita que seja possível esboçar brevemente algumas características do período:

Existe a crença no valor do trabalho, visto em conexão com o esforço individual e há uma vigorosa adesão ao êxito conquistado nestes termos. Ela pressupõe a existência de uma sociedade de classes, porém a posição social se define cada vez mais pelo status real e não pelo nascimento. Os pobres são considerados como as vítimas de suas próprias fraquezas e se sustenta com ênfase que os melhores deles conseguirão sair de sua classe e ascender. [...] A frugalidade, a sobriedade e a piedade são as principais virtudes e a família é sua instituição central. A santidade do matrimônio é absoluta e o adultério e a fornicção são imperdoáveis (Williams, 2003, p. 68).

Por outro lado, ao empreender um rápido exercício de atualização das estruturas de sentimento daquele período, é possível pensar em como se verificam hoje tais características. Segundo Rüdiger (2004), se o primeiro estágio de expansionismo tecnológico é contemporâneo da Revolução Industrial, um segundo momento corresponde ao advento da eletricidade, automatizando os sistemas fabris. O terceiro ciclo de transformações tecnológicas se instaura já no final do século XX, quando “a sociedade começa a viver, agora em termos planetários, um novo ciclo de transformações tecnológicas” (Rüdiger, 2004, p. 63).

A este período, corresponde o advento de um novo meio de comunicação, chamado por Levy (1999) de ciberespaço ou rede, “que surge da interconexão mundial dos computadores”. Trata-se de um termo que ele sugere abarcar “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. Por outro lado, aponta, há a cibercultura, um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17).

No cerne desta revolução microeletrônica, observa Santaella (2003, p. 59), “está a possibilidade aberta pelo computador de converter toda informação – texto, som, imagem, vídeo – em uma mesma linguagem universal”. Tal possibilidade vem gerando profundas mudanças no campo do jornalismo, sobretudo em razão da quebra do polo de emissão das mensagens, que se fundamenta na suposição de que qualquer pessoa pode se tornar um produtor de conteúdos (informativos e, sobretudo, de entretenimento). Trata-se, de acordo com Lemos (2003, p. 19), da “emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*”.

A “sociedade em rede” (Castells, 1999), para além de transformações nas formas de interação, de processos de sociabilidade e de vivências identitárias, faz emergir, potencialmente, indivíduos e grupos sociais que disseminam informações, sobretudo nas chamadas redes sociais digitais. Trata-se de um material informativo que se confunde com as histórias pessoais protagonizadas por aqueles que têm um perfil no Facebook, produzem blogs, alimentam o Twitter com mensagens de até 140 caracteres, postam fotografias no Instagram ou vídeos no YouTube e participam de inúmeros outros fóruns ou grupos de discussão.

Finalmente, a título de considerações que encerram este artigo, observa-se nos dois momentos de expansionismo tecnológico o aporte de noções, práticas e formatos do entretenimento no campo jornalístico. Isso porque, de um lado, percebe-se que o legado do primeiro momento corresponde ao folhetim e ao *fait divers*, dois formatos ainda recorrentes, respectivamente, nas narrativas jornalísticas ficcionais e factuais, forjando uma estrutura de sentimento que se poderia nominar de “triunfo do espetáculo”. Nela, além de telenovelas, séries, reality shows e outros gêneros da ficção travestida de factualidade, “formas de entretenimento invadem

a notícia e a informação, e uma cultura tabloide, do tipo infoentretenimento se torna cada vez mais popular” (Kellner, 2003, p.5).

E, de outro lado, para a uma abordagem compreensiva ou mesmo sensível às implicações da cibercultura no jornalismo, no segundo momento de expansionismo tecnológico aqui considerado, é possível identificar uma estrutura de sentimento em que ao conceito de inteligência coletiva se sobrepõem informações e imagens captadas por computadores, celulares, e câmaras digitais, postadas em redes sociais cujos critérios de noticiabilidade são (e não passam de) apolo-gias autorreferenciais.

(artigo recebido mai.2016/aprovado ago.2016)

## Referências

- BRENNEN, Bonnie. Sweat not melodrama: reading the structure of feeling in All the President's Men. **Journalism: Theory, Practice and Criticism** 4(1), p. 113–131, 2003. Disponível em: <<http://www.ijpc.org/watergate.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2015.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- COIRO-MORAES, A. L. Estudos culturais aplicados a pesquisas em telejornalismo: paradigmas investigativo e metodológico no Jornal do Almoço. In: GOMES, I. M. M. (Org.). **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: Edufba, 2012, p. 97-114.
- GIOVANNINI, G. (Coord.) **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- FILMER, Paul. Structures of feeling and socio-cultural formations: the significance of literature and experience to Raymond Williams's sociology of culture. **British Journal of Sociology**, 54(2), p. 371-396, 2003.
- HALL, S. Estudos culturais: dois paradigmas. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 131-159.
- HIGGINS, J. **Raymond Williams: Literature, marxism and cultural materialism**. London: Routledge, 1999.
- KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 4-15, 2003.
- KÜNSCH, D. A. Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia de compreensão. **Revista Famecos**, v. 1, n. 39, p. 63-69, ago. 2009. Disponível em: <<http://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5843/4237>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- KÜNSCH, D. A. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Líbero**, v. 17, n. 34, p. 111-122, jul./dez. 2014.
- LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Orgs.). **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003, p. 11-23.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1989.
- MEYER, M. **O folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- REST, J. **Literatura y cultura de masas**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1967.
- RÜDIGER, F.R. **Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SARLO, Beatriz. Raymond Williams. In: SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, artes e meios de comunicação**. São Paulo: Edusp, 1997, p. 85-96.
- SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora UNB, 1994.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WILLIAMS, R. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.
- WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WILLIAMS, R. **A política e as letras: entrevistas da New Left Review**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2013.